



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Sexualidades.

Sub-eixo: Ênfase em Gênero.

REIFICAÇÃO COMO FUNDAMENTO DE REPRODUÇÃO DO CAPITAL: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO FEMININO

Anna Licia Ferreira Brito¹

Enza Rafaela Peixoto Ferreira²

Janaize de Jesus Figueiredo Piroli³

Valteir Conceição da Silva⁴

Resumo: A lógica capitalista carrega, em seu cerne, contradições que perpassam às relações de gênero através de violentas opressões. O presente trabalho busca traçar um breve panorama analítico das mediações e complexos sociais e históricos que envolvem a reificação da mulher na dinâmica de reprodução do capital. Para tal, o materialismo histórico se faz indispensável para a aproximação dessa totalidade.

Palavras-chave: Capitalismo; Gênero; Reificação; Reprodução.

Abstract: Capitalist logic carries at its core contradictions, which pervade gender relations through violent oppression. The present work seeks to draw a brief analytical panorama of the social and historical mediations and complexes that involve the reification of women in the reproduction dynamics of capital. For this, historical materialism becomes indispensable for the approximation of this totality.

Keywords: Capitalism; Genre; Reification; reproduction.

INTRODUÇÃO

A reificação como categoria crítica essencial no processo de análise marxista, presente na leitura de "O Capital", em específico na parte que trata acerca do caráter fetichista da mercadoria e seu segredo, lança a reflexão a partir de como se tecem as relações sociais no interior da ordem burguesa e como esta converte tais relações humanas em "forma fantasmagórica de uma relação entre coisas" (MARX, 2017, p.147), ou seja, remonta ao seu modo mistificador.

Assim, conforme aponta Iamamoto e Carvalho (1996, p.31), o que aparece como relações entre coisas é na verdade uma ocultação das relações sociais concretas,

¹ Profissional de Serviço Social. Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. E-mail: <peixotoenزارafaela@yahoo.com.br>.

² Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Tocantins. E-mail: <peixotoenزارafaela@yahoo.com.br>.

³ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Tocantins. E-mail: <peixotoenزارafaela@yahoo.com.br>.

⁴ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Tocantins. E-mail: <peixotoenزارafaela@yahoo.com.br>.

outrossim, estabelece seu viés alienador⁵ e contraditório, que está intrínseco a raiz de consubstanciamento do modo capitalista de produção, bem como, da sua configuração como sociabilidade dividida em classes sociais. Sendo que, essa trama invertida de relações reproduz, em larga medida, os mais diversos tipos de antagonismo no interior dessa divisão, bem como reproduz uma ideologia de dominação.

De fato, uma das grandes e complexas amarras do modelo capitalista é a ideologia, que põe véu à realidade e transforma um mundo de exploração e opressão em proposta de progresso e liberdade. Isso como se a sociedade não estivesse pautada em contradições de classe, e dentro destas as diversas gradações que agravam esse controle, quais sejam, o preconceito, a opressão, o patriarcado, o machismo, a homofobia, a xenofobia, o militarismo, a religião, entre outras.

Contudo, pensar a forma em que a sociedade capitalista em sua lógica de exploração e divisão de classes, repercute no sujeito feminino através da alienação, em especial a forma de reificação nesse segmento, perpassa por uma análise crítica acerca das desigualdades de classe e gênero, como também, remete a reflexões sobre reprodução social, bem como o papel medular da mulher na sua estruturação. Conforme Saffioti (2013, p.61), as mulheres têm contribuído, socialmente, seja na produção de bens e serviços, seja para subsistência de sua família.

Assim, ponderando esse caráter mistificador que envolve a reprodução social na perspectiva capitalista, Arruzza et aliae elucidam sobre como o capitalismo oculta que “o trabalho assalariado para obtenção de lucro não poderia existir sem o trabalho (na maioria das vezes) não assalariado da produção de pessoas” (2019, p.108), escamoteando, assim, além do mais valor subtraído nos processos de produção, a mão de obra de reprodução social que é condição *sine qua non* para sua manutenção.

E acrescentam ainda, a partir de uma reflexão dos diversos tipos de sociabilidade no percurso dialético das transformações históricas⁶ que “o trabalho de produção de pessoas sempre existiu e sempre foi associado às mulheres. No entanto,

⁵ “No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “autoalienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação).” (Bottomore, 1988, p. 5).

⁶ Para uma análise mais rica de determinações sobre as sociabilidades anteriores ao capital, em particular anteriores a divisão social em classes, ver Engels em seu clássico A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado, 2017.

as sociedades antigas não conheciam divisão nítida entre “produção econômica” e reprodução social” (Arruzza et aliae, 2019, p.108).

E com isso, a ordem burguesa tem se apropriado e forjado em seu favor, numa dinâmica de divisão de classes, ademais, de gênero, a tentativa de naturalização da exploração e expropriação deste, num liame contraditório, pois, ao passo que objetifica e esgota a força de trabalho desse gênero em específico - tanto na produção como na reprodução social -, carece visceralmente do mesmo para manutenção dos seus interesses reprodutivos.

Nesse sentido, o presente texto busca como proposta, reflexão teórica que gravite em torno da compreensão crítica do papel da mulher imersa em uma sociabilidade que tem por fundamento sua divisão em classes sociais, como também, fazer um apanhado crítico dialético que possibilite aproximações da dinâmica social que envolve o modo de produção capitalista e a figura basilar da mulher na manutenção dessa lógica.

2 O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E SEUS REBATIMENTOS NA DINÂMICA DA REPRODUÇÃO SOCIAL

Iamamoto e Carvalho(1996, p. 30) analisam que “o capital é uma relação social”, em outros termos, esse modo de produção se materializa através de uma dinâmica histórica onde o gênero humano se produz e reproduz através de relações sociais determinadas pelas condições materiais presentes, sendo sua estrutura baseada na divisão de classes sociais.

Assim, tais relações de produção para manterem sua base de sustentação nessa estrutura de classes, forjam processos de exploração de uma classe em detrimento de outra, como conceituou Marx “o capital é o poder de governo sobre o trabalho e os produtos” (2010, p.40), sendo a figura do capitalista o possuidor desse poder, não por portar qualidades sociais ou humanas para isso, mas por ser ele o proprietário do capital, mais precisamente, por ser este no âmbito da divisão social o detentor dos meios de produção, da propriedade privada.

As relações estabelecidas nesse modo de produção, por serem parte de um construto socio-histórico, precisam ser analisadas por meio dos seus múltiplos determinantes, compreendendo do que se alimenta esse sistema, que são, entre outros, as classes sociais, a mercadoria, a acumulação, numa teia de contradições.

No que tange as classes sociais Marx define no livro III do capital que são:

Os proprietários de mera força de trabalho, os proprietários de capital e os proprietários fundiários, que têm no salário, no lucro e na renda da terra suas respectivas fontes de rendimento, isto é, os salários, os capitalistas e os

proprietários fundiários, formam as três grandes classes da sociedade moderna, fundada no modo de produção capitalista. (Marx, 2017, III, p. 947).

É ululante que com os processos de reestruturação do capital na dinâmica histórica esse sistema tem se reconfigurado perpassando por fases diversas, estando na atual conjuntura movido pelo sistema dos monopólios e do capital financeiro, alimentado por funções diferentes da referente ao modelo concorrencial⁷, que, sobretudo, tem acentuado visceralmente o caráter de expropriação da classe trabalhadora, contudo o aprofundamento dessas metamorfoses do sistema não são o objetivo desta sucinta reflexão.

Retomando ao que concerne os componentes que fazem a essência do capital, pretende-se localizar brevemente as classes sociais e sua relação com os processos de acumulação, mercadoria e os antagonismos envolvidos nessa trama como percurso necessário para se chegar a questão do sujeito feminino em meio a esta seara. Refletir sobre a ordem do capital e as contradições que gravitam em torno dos seus interesses é traçar um caminho de compreensão sobre as desigualdades de classes como força motriz para o desenvolvimento e manutenção de sua lógica. Como acima foi posto o conceito de classes sociais em Marx, salutar se faz desvelar o que conduz esse tipo de divisão carrega na sua raiz desigualdades sociais, dito em outras palavras, como se dá a relação capital e o mundo do trabalho, mais especificamente da classe que vive do trabalho.

É de conhecimento majoritário no âmbito das ciências sociais que trabalham com o materialismo histórico e dialético, que o capitalismo se alimenta das desigualdades sociais e da exploração de uma classe em detrimento de outra, posto que, os meios de produção se concentram nas mãos de uma minoria em detrimento da grande massa de trabalhadores como analisou Huberman:

Os que não são donos dos meios de produção só podem ganhar a vida empregando-se – por salários – aos que são donos. É evidente que o trabalhador não se vende ao capitalista (isso faria dele um escravo), mas vende a única mercadoria que possui – sua capacidade de trabalhar, sua força de trabalho. (2014, p.175).

Desta feita, a classe que vive do trabalho, tendo neste seu único meio de sobrevivência e na sua força de trabalho sua única mercadoria de barganha – sendo esta a órbita de gravitação que dá ação aos processos de funcionamento – sofre com esse dinamismo a submissão da força de trabalho a processos intensos de exploração, assim como de alienação, ademais, o capital captura, para além da mercadoria força de trabalho, a subjetividade dos sujeitos que vivem dele, em uma trama que como apontou lamamoto: “envolve os sujeitos, suas lutas sociais, as relações de poder e os

⁷ Para maior conhecimento sobre essa dinâmica ver BEHRING (2002) em Política Social no capitalismo Tardio.

antagonismos de classes. Envolve a reprodução da vida material e espiritual” (2009, p.23), assim, o capital conduz e impõe limites ao desenvolvimento da consciência dos sujeitos.

Por fim, percebe-se que esse modo de sociabilidade carrega implicações as mais diversas, como aclarou lamamoto (2009, p.23) pois, ao passo, que existem aparatos jurídicos que garantem igualdade e liberdade dentro das relações, em oposição a esse instituto legal se encontra o limitador econômico dos que, detentores das forças produtivas, se apropriam do mais valor que é fruto do trabalho alheio não socializado com a classe que vive do trabalho, aí reside a lei geral do capital, assim como, a raiz da opressão de uma classe pela outra. E, se, adentrando o caráter reprodutivo dessa trama, dentro da classe trabalhadora, e partindo para a especificidade da divisão sexual do trabalho, mais visceral se mostrará o caráter espoliador desse sistema, sendo a face de gênero a partir da figura da mulher, que em larga medida sofre com os rebatimentos da exploração e opressão, sendo a categoria marxista da reificação elementar nesse processo de análise que será buscada no próximo ponto.

3 A REIFICAÇÃO DE GÊNERO COMO PARTE DO PROCESSO REPRODUTIVO DO CAPITAL

O modo capitalista carrega no seu cerne desigualdades sociais, as quais, reverberam na faceta de gênero o seu cruento aprofundamento, em outras palavras, tal ordem de sociabilidade intensifica, na figura da mulher, sua lógica perversa, pois, para além das contradições existentes no processo produtivo da classe que vive do trabalho com extração de mais-valia no processo produtivo, ainda desconfiguram o caráter do trabalho reprodutivo, qual seja, do cuidado, que historicamente foi forjado como atributo natural das mulheres, escamoteando os reais interesses do negócio do capital.

Através desse introito, pode-se adentrar nas reflexões sobre a divisão sexual do trabalho, que conforme aponta Cisne:

[...] é uma das formas centrais para exploração do capital sobre o trabalho. Essa divisão segmenta os trabalhos de homens e mulheres e hierarquiza tais trabalhos de forma a subalternizar os considerados naturalmente femininos em relação aos considerados masculinos. (2015, p.117).

Assim, a ordem do capital carrega como mote de legitimação dos seus interesses a apropriação da ideologia patriarcal e racista, permitindo desvelar que, embora os processos de exploração sejam inerentes a lógica dominante tanto aos homens quanto as mulheres da classe trabalhadora, esses mesmos processos se exacerbam no que tange a exploração da mulher.

Beauvoir já havia afirmado em seu clássico *O Segundo Sexo*: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (2019, p.11). Assim, se pode partir de uma análise desmistificadora das mediações que envolvem a naturalização da mulher na sociedade de classes, compreendendo o seu lugar de direcionamento como parte de um construto de relações sociais de dominação, bem desenvolvida e aperfeiçoada pelo capital que cristaliza a cultura patriarcal no intento de realizar a dominação e gerar força de trabalho barateada e/ou sem custos, a exemplo do que ocorre com o direcionamento da mulher nos processos de produção de mais valor, quando estas, majoritariamente, ocupam o lugar do cuidado, da reprodução de pessoas, seja na esfera pública ou privada como é o caso do trabalho doméstico, assim, Cisne ratifica que “A naturalização dos papéis ditos femininos atende diretamente aos interesses do capital com o intuito de ampliação dos seus lucros, pois, diminui significativamente o custo da reprodução da força de trabalho.” (2015, p. 123).

Sobre o reconhecimento dos antagonismos gerados através da opressão de gênero, Marx em *a Ideologia Alemã* já ressaltara que na divisão do trabalho estão postas a totalidade das contradições, sendo através da propriedade exercido esse domínio, tendo “seu germe, sua primeira forma, na família em que a mulher e os filhos são escravos do marido” (2010, p.59), tais reflexões já apontavam às raízes da opressão reservadas a mulher na estrutura da sociedade de classes, as quais, vêm sendo aprimoradas de tal modo que, conforme o capitalismo se reconfigura, os padrões de submissão e exploração de gênero são readaptados ao seu “modus operandi”.

É importante ponderar que tal arquétipo de sociabilidade, é, ainda, legitimada pelo Estado, sendo este do ponto de vista clássico de Marx como “nada mais do que um comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa” (Marx e Engels, 2010, p. 47). É importante frisar que, a ordem burguesa está melhor lapidada e apta a explorar na atual fase neoliberal, com cruéis rebatimentos na vida das mulheres, pois: “Quando uma sociedade retira a sustentação pública à reprodução social e engaja suas principais provedoras em longas e cansativas horas de trabalho mal remunerado, ela esgota as próprias capacidades sociais de que depende.” (Arruzza et aliae, 2019, p. 113), dito de outro modo, ela inviabiliza a capacidade de auto reprodução desses sujeitos em um nível de precarização que contraditoriamente degrada sua própria fonte de geração de riquezas.

Desta forma, conclui-se que o capital, estabelece uma relação de dominação, vulnerabilização e subalternização do sujeito feminino, em que a categoria da reificação permite explicar a articulação de tais ações de opressão que historicamente vêm ganhando fôlego e se aperfeiçoando na realidade social, detendo o controle do gênero

humano feminino em processos de alienação que imprime a mulher condição de mercadoria com valor de uso e de troca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões assinaladas, corroboram a importância de se colocar no cerne do debate as questões referentes à problemática “coisificação” experienciada pelas mulheres dentro da lógica perversa do capitalismo, buscando compreender que a opressão da mulher não é um problema isolado, pois perpassa sua condição de classe, como também questões de raça e ideológicas, como é demonstrado pelo patriarcado, assim, é importante a compreensão de que as mulheres sempre estiveram engajadas no desenvolvimento da sociedade, não apenas com funções “naturais” que o patriarcado deseja-lhe imprimir, mas em todas as áreas em que vive o espírito humano.

Conhecer os componentes do capital é ponto crucial, assim como, adentrar a percepção das raízes que remontam esse formato de sociedade de classes que reproduz os mais diversos tipos de dominação e exploração, posto que um segmento social – classe detentora dos meios de produção - impõe aos demais todo um formato ideal de sociedade servindo a manutenção de sua lógica. Isso afeta, além das relações de trabalho, a cultura, as relações mais particulares como os modos de vida, as relações familiares, afetiva e sexual, conquanto essencialmente a figura da mulher vai sofrer fortes interferências na sua forma de se objetivar enquanto sujeito em construção de sua emancipação.

Por fim, a partir das diretrizes apontadas, entende-se como necessário ao processo de emancipação da mulher o seu engajamento geral com a luta de classe, uma vez que, visões fragmentadas não alcançariam as mediações necessárias para compreensão das raízes dos mecanismos de exploração em uma sociedade que tem por fundamento a acumulação de riquezas e o lucro através da apropriação da força de trabalho da classe que não detém os meios de produção, o que faz reverberar em diversas expressões da desigualdade social que, na atualidade, se configuram das mais variadas formas, atingindo amplos segmentos sociais.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99% Um Manifesto**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BEAUVOIR, Simone De. **O segundo Sexo**: vol.2: a experiência vivida. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Política Social no Capitalismo Tardio**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: outras expressões, 2015.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família da propriedade privada e do estado**. 2017. ed. São Paulo: Lafonte, 2017.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem: do feudalismo ao século XXI**. 22. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul De. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Marilda Villela. **O Serviço Social na cena contemporânea**. In: Serviço Social, Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **O Capital: livro I**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **O Capital: livro III**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 983.

_____ e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Feuerbach - A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

_____ e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.